

EDITORIAL

A Farsul manifestou-se a respeito da paralisação dos caminhoneiros no final de maio, que reivindicou a redução da carga tributária sobre o combustível, mas que acabou gerando uma série de transtornos à população brasileira, incluindo o meio rural. Por meio de nota oficial, a entidade disse entender que a pauta é legítima, pois concorda que a diminuição da pesada carga tributária que afeta toda a sociedade brasileira deve ser tratada como prioridade. No entanto, criticou a manutenção e a forma dos protestos após o governo atender boa parte das reivindicações.

Adentrando o mês de junho, diante do final dos bloqueios nas rodovias, é necessário fazer um balanço dos resultados da greve. Para colocar fim ao impasse, o presidente Michel Temer concordou em zerar a cobrança de impostos federais sobre o óleo diesel, o que pelas contas do Planalto reduziria em R\$ 0,46 o preço do diesel vendido às distribuidoras, além do fim da revisão diária de preço. Essas foram as principais medidas anunciadas, aparentemente benéficas a diversos setores, como o agronegócio, considerando que o diesel é uma variável importante do custo de produção da lavoura brasileira. Outros pleitos foram atendidos, como o início da elaboração de um valor tabelado para o frete, certo que em valores superiores aos atuais, e a possível isenção de cobrança nos pedágios sobre eixo vazio.

Contudo, uma análise justa e séria precisa considerar os efeitos que os dias de paralisação também trouxeram aos brasileiros, em especial ao campo e às agroindústrias. A estimativa da CNA é que nove dias de bloqueio nas estradas pelos caminhoneiros resultaram em perdas de R\$ 6,6 bilhões aos produtores, e estes precisarão de seis meses a um ano para reestruturar os negócios. No Rio Grande do Sul, entidades não tardaram a projetar prejuízos em diversos setores. O Conseleite falou em perdas de 8 milhões de litros de leite por dia. Para a indústria de aves e de suínos, perdas diárias de R\$ 34 milhões somente no Estado, segundo o Fundesa. O setor de hortifrutigranjeiros foi ainda um dos mais afetados, pelo caráter altamente perecível dos produtos, e as dificuldades de escoamento trouxeram transtornos graves para o comércio de grãos e de carne bovina, entre outros.

São valores a montante e que, apesar de expressivos, podem não dar conta de expressar o caótico cenário vivido ao longo de quase duas semanas com a violação do direito constitucional de ir e vir nas rodovias federais. A imagem é certamente mais chocante quando olhamos para o individual, para o produtor de alface que não tem a quem vender o produto que irá apodrecer antes de ser consumido; para o produtor de leite que despeja litros e litros no chão e lamenta o desperdício de alimento, dinheiro e trabalho; para o suinocultor que se vê obrigado a decidir quais animais deixa morrer de fome no contingenciamento de ração. Foram cenas que de fato estiveram nos noticiários. Gente que não tem culpa alguma da situação, que é decidida lá fora da porteira, sem direito a voto.

Sem contar que fatalmente o "pacote de bondades" do governo federal trará impactos importantes em termos de inflação e Produto Interno Bruto, com as projeções passando de 3,50% para 3,60% (IPCA), e de 2,50% para 2,37% (PIB), de acordo com o último relatório Focus do Banco Central. A consequência é custo de vida mais caro para a população, menor arrecadação para federação, estados e municípios, aumento do déficit público etc. Não esqueçamos também de cobrar a promessa do governo de "cortar na carne" para compensar a redução no diesel, estimada em R\$ 9,5 bilhões, algo no mínimo a se desconfiar. Por 46 centavos no litro, durante 60 dias, resta-nos uma conta enorme para pagar.

Viagem e livro

Blau Souza*

Será uma boa ideia usar viagem como gancho para falar de livro? Certamente, se ambos assegurarem momentos felizes a quem os enfrente. De viagem ao Peru e Colômbia ficaram muitos registros, iniciando pela satisfação de ter passado quase incólume por Machu Picchu e Cuzco, de ter vencido a altitude, sem recorrer a tratamentos que fossem além do mascar folhas de coca, ou usá-las como chás e balas. Iniciar rota pela costa do Pacífico em Lima e chegar à costa tropical e atlântica de Cartagena é desafiante. E sempre estimulado por culinárias consagradas, ricas em pescado, produtos locais e acompanhados de pisco ou ótimas cervejas. Conhecer o artesanato e a cultura inca em diferentes altitudes e no Vale Sagrado satisfaz a exigentes turistas e sem gastar muito. Centenas de variedades de batata e de milho, lãs de lhama, alpaca, vicunha ou guanaco, coloridas, ou não, através da cochonilha e de outros produtos naturais, fazem a alegria de feirantes simpáticos e cheios de paciência. Nem falo das metrópoles Lima e Bogotá, cada uma com mais de oito milhões de habitantes, ou das culturas pré-incaicas que enriquecem museus e sítios arqueológicos importantes.

Mas tudo pode ser melhorado se houver uma boa livraria. Isso aconteceu em Bogotá quando se anunciava o último livro de Mario Vargas Llosa. Vejam, o livro do peruano fora impresso na Colômbia, importante centro editorial de língua hispânica. Já a capa me agradou e a contracapa mais ainda, pois nela Vargas Llosa apresenta o livro como uma autobiografia intelectual. Ao contrário do *El pez em el agua*, em que figuram as vivências do autor, no livro recém comprado o protagonismo é das leituras que moldaram a sua maneira de pensar nos últimos 50 anos. Qual o nome de minha paixão à primeira vista? *La llamada de La tribu*, editado pela Alfaguara (Penguin Random House Grupo Editorial). Nele, há textos sobre os filósofos que o fizeram passar da identificação entusiasmada com a Revolução Cubana e com Jean-Paul Sartre até uma posição crítica às antigas ligações e um protagonismo político

liberal que o fez candidato à presidência do Peru. Longe de mim buscar uma intimidade inexistente com o autor, mas o livro me impactou pela identificação com ele e com uma juventude sul-americana descontente com o subdesenvolvimento e a desigualdade social. Lembrei dos tempos de aprender algo em livros de iniciação à filosofia, que dos festejados gregos passavam a Karl Marx sem muitos preâmbulos. Eram tempos de acreditar que o mundo evoluiria inexoravelmente para o socialismo. Eram tempos de aceitar até a perda da liberdade em função de um mundo utópico sem explorados e exploradores.

Todos os escolhidos de Vargas Llosa privilegiaram o indivíduo frente à tribo, nação, classe ou partido. La llamada de La tribu coopera para um melhor entendimento do mundo em que vivemos.

Mas deixemos, que o próprio Vargas Llosa apresenta os pensadores que o ajudaram a mudar e cujas trajetórias ele conta como só ele sabe: Adam Smith, José Ortega y Gasset, Friedrich August von Hayek, Karl Popper, Raymond Aron, Isaiah Berlin e Jean-François Revel. Vejam que apenas Adam Smith é anterior a

Marx, os demais são contemporâneos ou posteriores a ele, e tratados com certo desdém por professores universitários e intelectuais de nossa juventude. Eram pouco conhecidos e menos divulgados que os simpatizantes da utopia comunista. Os mestres de Vargas Llosa, na sua maioria eram judeus, viveram no exílio e foram acolhidos por universidades, sobretudo na Inglaterra. Eram homens de vida simples e que viveram períodos difíceis, tais como os dos austríacos Von Ayek e Karl Popper na sua convivência com os estragos produzidos pelo também austríaco Adolph Hitler.

Sem considerar nacionalidades, todos os escolhidos de Vargas Llosa privilegiaram o indivíduo frente à tribo, nação, classe ou partido. Todos eles também foram defensores intransigentes da liberdade de expressão como valor fundamental para o exercício da democracia. *La llamada de La tribu* não é um livro de fácil leitura, mas coopera para um melhor entendimento do mundo em que vivemos. Quanto a mim, pretendo relê-lo na minha poltrona, bem longe do avião.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



FARSUL
Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente:
Elmar Konrad
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco,
Gerson Raugust e Arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390